

## *Entrevista*

Aderbal dos Santos – Bau

*Lourival Andrade Júnior<sup>1</sup>*

*Caicó, 17 de agosto de 2014.*

ENTREVISTA realizada na cidade de Caicó no dia 17 de agosto de 2014 na residência de Aderbal dos Santos, conhecido popularmente por Bau, babalorixá do Ilê Axé Nagô Oxaguian. Chegamos por volta das 14h30min e nossa conversa durou aproximadamente 2h40min. O entrevistado foi muito prestativo e concedeu a entrevista embaixo de uma Jurema.

*Boa tarde, Aderbal. Obrigado por conceder entrevista para a revista Mneme, no dossiê específico sobre Religiões Afro-Brasileiras. Seu nome completo?*

Aderbal dos Santos.

*Conhecido como?*

Bau. Aqui em Caicó me conhecem como Bau.

*Nascido? Dia, mês e ano?*

Nasci em 07/09/1984.

*Onde?*

Natal. Tenho vinte e nove anos. Vou fazer trinta agora sete de setembro.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [lourivalandraderj@yahoo.com.br](mailto:lourivalandraderj@yahoo.com.br).

*Eu gostaria que você começasse a nos dizer como chegaste na Jurema, no Candomblé, a partir do que, a partir de quem, quais são tuas origens, desde o começo...*

É... Em oitenta e quatro, seis meses antes de eu nascer, existia um homem chamado Aderbal de França ele era clarividente, irmão de sangue da minha vó adotiva, minha primeira mãe-de-santo, que foi Lucia Flor. E ele fumava muito e tal, nunca incorporou, mas tinha uma vidência absurda. Não cheguei a conhecer. Ele era clarividente a flor da pele, a flor da pele mesmo. E mainha tinha feito uma promessa e estava procurando uma criança para adotar, ai ela foi, procurou, procurou... Ela procurava e não achava. Não achava esse menino pra criar. Ela já tinha um adotivo, Adriano que leva o nome dela. O Aderbal, irmão dela, adoeceu, ele tinha câncer de pulmão, e nos últimos dias, ele já estava entubado. E ele pediu para reunir a família porque queria se despedir, porque ia desencarnar naquele dia. E... Minha mãe no meio do mundo, ninguém sabia, ninguém... E quando a chamou, ele chamava ela de Lucinha. Ai disse... “Lucinha, eu tenho um grande recado para você. Eu vi, Artur Indiano, me fez uma visita ontem, me preparou para meu desencarne, eu vou desencarnar, eu vou desencarnar e não procure mais o menino. O menino vai bater na sua porta, ele não vai ser minha encarnação. Eu fui determinado para ser o guia dele. Uma criança vai bater na sua porta, uma mulher vai bater na sua porta, puxando duas crianças, um casal, e com um menino na barriga. Muito sofrido, é o menino que tem a missão, que vai ter a missão de terminar minha missão. Dê meu nome a ele, dê meu apelido a ele e o resto eu sei guia-lo”. Aderbal morreu, passou-se o tempo, Aderbal cufou [morreu] e com a dor da morte, ela, esqueceu de procurar o menino. Chegou um certo dia, apareceu uma morena, com duas crianças, uma de dez e uma de seis, Luciano de dez e Luciana de seis e buchuda, grávida. Não sabia o sexo da gravidez. Chegou e perguntou quem era Mãe Lucia, porque já era conhecida por querer ajudar, mainha na época tinha um centro de idosos, um lar de idoso, que era o Lar Mãe Lucia e tinha um berçário, para as mães trabalhavam e podiam deixar os filhos o dia todo ali. A forma social de fazer um terreiro, né. Aí mainha disse: “O que é que você quer com ela?”. A mulher respondeu: “Por que eu soube que ela fazia muita caridade e eu queria que ela me desse apoio, eu fui botada para fora de casa desde de manhã,

não tenho para onde ir, não comi e os meninos estão aqui. Eu vim de Macaíba a pé e pelo amor de Deus deixa eu falar com essa mulher”. Mainha disse: “Senta aqui minha filha, sou eu”.  
Aí começou a conversar... “Esse menino é para quando?” Aí ela... “Esse menino é para quando?” Ela disse: “Para dia cinco de setembro”. Ela disse: “Ah, então eu vou cuidar... Você vá comer, pode ficar, mas não é você que tô procurando, não”. Aí no mesmo dia Aderbal incorporou nela e disse que aquela mulher era a mulher que estava me trazendo e o que ela estava dizendo não constava para o espírito. O espírito iria fazer o caminho que deveria ser feito e o homem da terra não iria mudar. Pronto, passou-se. Dia cinco de setembro ela começou a sofrer, foi pra Macaíba, se internou no hospital de Macaíba pra me ter. Sofreu cinco, seis, dia seis de setembro de tarde ela foi transferida para Natal com risco de morte. Dia sete de seis horas da noite, eu nasci. Aderbal... Ele tinha nascido... Eu nasci no mesmo dia, no mesmo horário e no mesmo mês. Aí mainha já me trouxe pro terreiro e disse, aí Fátima, a minha mãe legítima disse que passava o resguardo, e não queria mais ter vínculo comigo. Aí mãe, mãe Iá [Ialorixá da Tenda Espítita Iemanjá Ogun-Tê], entrou na história, Cremilda entrou na história. Chegou pra ela e disse: “Vamos fazer o seguinte, até seis meses você não precisa arrumar emprego, eu lhe dou um salário e você cuida do seu próprio filho, amamenta, cuida dele. E eu boto seus filhos pra estudar, vou cuidar, depois de seis meses você decide sua vida, vamos dar o melhor pro recém-nascido.” Pronto. Aí quando eu cheguei, sai da maternidade direto pro terreiro. Já estava se esperando o menino que estava sendo avisado, já estava esperando. Aí ela foi me apresentou aos Orixás...

*Quando você diz ela, apresentou quem? Mãe Lucia ou Mãe Ia, Cremilda?*

Mãe Lucia.

Isso. Foi, pegou, me apresentou aos Orixás, aquela coisa tradicional da nação e me levou a Jurema e todo mundo não, não, não, não... Jurema? Porque Jurema? E me levou a Jurema e chegou na Jurema, apresentou ao mestre dela que era Zé Pilintra, apresentou a Zé Pilintra. Passou-se uma semana mais ou menos, Zé Pilintra incorporou numa rasteira e me batizou. É tanto que eu tenho o nome de batismo de Jurema é bode branco porque ele alegava que o bode

branco Exú não comeria, então não se faria maldade, se cria, para Exú se dá o preto. Na consciência dele e me batizou com bode branco. E eu fui batizado por Zé Pilintra, recém-nascido, oito, nove dias por aí de nascido, apresentado. E eu tinha muita insônia e chorava muito a noite, e por incrível que pareça, os antigos dizem, os velhos dizem lá que minha outra vó Adelvise que era irmã de mãe Lucia, de Lucia Flor, ela rodava comigo os quatro cantos do terreiro, da creche e nada me calava, quando me botavam no salão da Jurema, eu pegava no sono. Até que um dia se tocaram e botaram meu berço no salão da Jurema, eu dormia o dia e a noite todinha, quando me tiravam eu começava a chorar. Pronto. Daí foi como eu sem querer conheci a Jurema e o Santo. Quando eu fiz dez anos, aí mainha me iniciou, Lucia Flor me iniciou-se no Santo, fez os primeiros procedimentos, a lavagem, o refrescamento, a firmação, sentou meu Orixá. Mas eu já tinha muito inclinação na Jurema, muito, sempre fui muito Juremeiro. E o contrário do outro Aderbal que não gostava de Jurema, ele era Santo e Jurema para ele só ia até Preto Velho, só Preto Velho. Até por ser clarividente, quem mexe com Jurema sendo clarividente, é mais pesado, as vidências, e ele gostava muito de Jurema...

#### *De Santo.*

De Santo, desculpe, de santo. E depois, quando eu fiz catorze anos ai comecei, a me iniciar na Jurema, no Santo. No início me prejudicou muito porque daqui que eu tivesse a diferença dentro de mim, que eu não era uma encarnação de um espirito, eu tive uma orientação muito grande, mas me perturbei. E quando eu com dez anos, voltando um pouquinho no tempo, com dez anos a minha mediunidade, ela desabrochou absurdamente, absurdamente. Ao ponto de eu ser conhecido como um louco, eu estudei em escola de doido, eu fui tratado como um louco e por incrível que pareça, dentro de um terreiro de macumba. Mais ela tinha uma visão que não ia me botar na Jurema porque estava me influenciando, ela tinha esse medo de influenciar.

#### *Lucia?*

Lucia Flor, para eu não ir desenvolver, porque ela estava influenciando uma criança ser aquilo que ela poderia no futuro não querer. Ela tinha muito esse medo. Sofri muito por essa

determinação. Quando Zé Pilintra incorporava nela, Zé Pilintra dava um carão em todo mundo e mandava me desprender. E me chamava, me sentava no chão e ali começava: você vai me cambonar [auxiliar], vai ser meu cambone. E eu auxiliava ele e tudo que ele fazia, eu ali. A benção, e aquela história pra tudo a benção meu padrinho, senta aqui, toda vida. E ele sempre deixava a ordem de que não dissesse a ela. Quando ele ia subir, ele dizia: vá pro seu canto, se deite, eu vou me embora, meu cavalo vai vir. Chegou um ponto de eu começar a ver e aquilo começar a me perturbar mesmo. Porque eu não dormia, eles conversando. Ah, fazia matança na Jurema, eu passava a noite todinha vendo as galinhas sem cabeça correndo em cima do paredão. Porque meu quarto era meia parede. Eu tenho trauma de meia parede.

*Isso com que idade, Aderbal?*

Isso depois dos dez anos eu comecei a endoidecer. Aí mainha deu um agrado a minha Jurema. Deu só um agrado de força e Zé Pilintra foi e chutou o pé da barraca, e determinou que aquilo tinha que parar. Que me botasse na Jurema, porque minha doença, minha loucura era Jurema. Eu poderia até seguir as panelas de barro, que era os Orixás como ele dizia, mais o meu sangue era verde, era de folha. O meu sangue era de catimbó, por isso que eu era afilhado dele. E que ela teria que acatar a determinação dele. Ela acatou. Começou a me botar devagarzinho nos toques e eu comecei a incorporar. Dez, onze, doze, comecei a incorporar, que já incorporava antes, só que ela deu uma segurada e com dez anos ficou difícil dela me prender mais. Aí, em noventa e oito, eu tinha catorze anos, mainha morreu, Lucia Flor morreu. Eu já tinha Jurema feita e Zé, Zé Mulambo foi com pouco tempo da morte dela, exigiu...

*Zé Mulambo, teu mestre?*

É, meu mestre. Exigiu a renovação da Jurema e o término de todos os meus compromissos, terminasse de fazer, que eu não tinha mais tempo. Eu incorporava dormindo, eu incorporava no meio do caminho, entendeu? Já passei muitas. E a forma daquilo se controlar, e a forma de ter uma doutrina era fechar um cerco cabalístico de Jurema. Em noventa e nove, treze de setembro de noventa e nove, eu renovei minha Jurema, fiz tudo. Zé Mulambo o nome dele em

vida era Zé Luiz da Silva Neto, hoje em dia a cidade que ele morava chama-se Bonito, mas antes era Sertão Bonito, depois de Recife, perto de Gravatá. E ele desencarnou treze de setembro, foi fazer um trabalho e caiu encima, com sessenta e sete anos, acredito que era muita idade. E dali em diante, de noventa e nove pra lá, eu encabecei de corpo e alma dentro da Jurema, o que já sabia e o que tinha aprendido com a convivência com Zé Pilintra me deu uma base muito grande. Quando Cremilda passou assumiu o terreiro, então eu comecei a auxiliar Caldeirão Sem Fundo [mestre de Mãe Cremilda] e aquilo foi, foi se dando uma proporção imensa e eu esqueci o Orixá, esqueci o Orixá. Deu a morte dela [Mãe Lucia Flor], mãe Ia levou a sucessão, e em noventa e nove quando ela reabriu a casa, que passou um ano fechada, só com os trabalhos internos por causa do luto da mãe-de-santo. Mãe Ia foi, que é Cremilda, foi e conversou comigo, dizendo que estava só, precisava de mim e do outro meu irmão que é Tiago, meu outro irmão já era feito.

*Ele era mais velho ou mais novo?*

Mais novo do que eu. Ele iniciou-se comigo. No dia da obrigação de feitura dele, era pra eu ter feito junto com ele. Mainha foi e me fez uma proposta. Como ela sabia que eu não tinha vínculo nenhum com Santo, não tinha quem me fizesse. Toque de Orixá eu não ficava. Já toque de Jurema não tinha cansaço pra mim. Aí ela pra testar foi e me fez uma proposta: você quer ir pro Rio de Janeiro passar quinze dias ou quer fazer sua obrigação de Santo? Eu disse: pro Rio, porque eu não quero fazer isso não. E fui pro Rio, quando eu voltei, meu irmão já estava até recolhido, eu tinha até a filmagem na época. Meu irmão tava até recolhido. Por isso que ele de Santo é bem mais velho que eu, porque ele deu continuidade. Eu comecei a dar continuidade depois de noventa e oito, depois da morte dela [Mãe Lucia]. Aí em noventa e nove, mãe Ia foi e conversou: Mainha morreu, eu estou ficando velha, não posso levar a casa só, Tiago é feito, por ser feito vai me ajudar a levar a casa, vai ser um dos cabeças. Só que a casa ficou defasada, ficou um rombo e eu preciso de um pai-pequeno, e se eu tiver que escolher um pai-pequeno, eu quero escolher um dos meus filhos que são da minha confiança. Se você quiser eu faço sua obrigação e lhe dou o cargo, que Oxumarê já está exigindo. Ao ponto dela passar nela e gritar que eu era

o Babaquererê da casa. Mas, como eu não tinha a obrigação feita, eu não poderia assumir o cargo, aí eu fui e disse: É vamos. Aí fui e fiz o meu aborí, né. Fiz o meu bori, recebi os diretos que meu bori dá e recebi o cargo de pai-pequeno que até hoje eu sou. Mesmo depois que eu tirei os Orixás, a Jurema, Oxumarê não passou o cargo mais pra ninguém. E recebi o cargo de pai-pequeno e passei a assumir o cargo como assumo até hoje as vezes que precisar, o meu cargo é uma obrigação minha. E dali em diante eu comecei a ingressar no Orixá, mais sempre amando minha Jurema. Fui renovando Jurema, sete anos, os catorze anos, aí todo ano. Depois de sete, você faz todo ano. Sempre botei na cabeça: Jurema eu gosto, Santo eu tenho obrigação de aprender porque sem ele eu não vivo, mais meu prazer é catimbó, é Jurema. E era bem mais fácil aprender Jurema porque era o que me dava prazer. E ali começou, a gente começou auxiliar ela nos trabalhos, e foi aprendendo na prática e na teoria.

*Deixa eu só te perguntar uma coisa, Bau. Quando é que tu vem pra cá? Quando é que tu sai de Natal e vem pra Caicó? E porque que tu vem pra cá? Porque tu monta um terreiro aqui...*

Eu fazia parte da federação de Umbanda e Candomblé de Natal e tinha uma secretaria dentro da federação que era de desmistificação, e eu fazia parte do corpo de desmistificação da federação. E eu comecei a viajar muito pra Mossoró, pra os interiores, desmistificar casas, brigar mesmo, bater de frente. Eu sempre fui muito arengueiro, então eu era a pessoa certa de bater de frente com você e sua casa, fechar sua casa, ou você segue certo ou você não vai seguir. Ou você usa a espiritualidade assim ou você não vai usar como empresa assim, como você tá usando. Ou é um terreiro ou é uma boca de fumo, ou é um cabaré. Então a pessoa boa para aquilo é uma pessoa arengueira e atrevida, e era eu. E comecei a viajar muito, e comecei a viajar por esse motivo, ganhava por isso, não vou mentir a você. E tinha prazer.

*Você ganha via federação?*

Via federação. Aí fui, teve uma proposta de um encontro, um encontro dentro de Caicó. Teve uma proposta de um encontro dentro de Caicó, eu não sabia nem aonde era Caicó. Eu sabia o caminho de Mossoró, Caicó eu nem sabia que existia. Viemos pra esse encontro que foi na Ilha

de Santana, um toque de Cosme e Damião. Um encontro com todos os barracões de Caicó, todos os barracões de Natal, alguns, na realidade foi só alguns. Que a proposta era trazer o Candomblé pra o Seridó que não existia, até um dia desses não existia mesmo. Trazer o Candomblé pra Caicó, trazer Umbanda pra Caicó, pra eles conhecerem o que era Umbanda veio Dedé Macambira de Macaíba. E viemos. Aqui em Caicó, através de Dedé Macambira eu conheci Dinarte, Dinarte Ribeiro e me afinei a ele. Me afinei a Dinarte. Eu usava a casa dele como ponto de apoio e as matas. Foi aí que conheci Faninha. Comecei a fazer elos em Caicó. Eu comecei a vir só pra Caicó, porque eu já fiz amizades, vínculos. Comecei fazer os trabalhos. E comecei a me interessar pela cidade e fui abandonando Mossoró. E lutei para o meu trabalho ser em Caicó. Por ser menor, eu ia ficar mais visto no meu trabalho dentro de Caicó. Aconteceram reuniões em federações que nunca deram certo, nunca saiu do diálogo ou do papel. Até que um dia eu vim fazer uma obrigação em Caicó e Zé Mulambo incorporou e disse que queria o cabaré dele aqui. Que nem que fosse um pedaço de terra em um saco, mais que fosse da terra daqui. E Zé é conhecido por andarilho, por perambular. E eu nunca quis, eu dizia: O que é que eu vou fazer nessa cidade? Eu não nasci pra morar em interior. Procurei ainda um terreno em Natal, pra fazer, já que ele queria. Pensei: Eu tinha um carro, vou vender o carro, vou fazer em Natal, mas não quero terreiro, vou fazer um quartinho, vou botar eles. Uma vez por ano eu chamo meus amigos, dou minha macumba, fiz minha missão. Eu quero danado de filho? E aquilo começou a ser muito forte e ele começou a determinar, ao ponto dele ameaçar: Eu não venho mais enquanto eu não tiver o meu cançuaá, que é casa. Eu comecei a ser influenciado pelos meninos daqui de Caicó: venha, venha, venha... Decidi, vamos procurar terreno. Comecei a rodar, rodar... Achei vários, quando dava pra comprar não era do meu gosto, quando era do meu gosto não dava pra comprar. Mãe Ia não sabia que eu estava atrás de um terreiro, não sabia. Ninguém sabia em Natal que eu estava providenciando essa situação. Num domingo almocei e disse: Dinarte, vou dormir um pouquinho, passei o dia rodando atrás de terreno e vou pra Natal, vou pegar a estrada pra Natal. Tudo bem. Quando eu cochilei, aí acordei e disse: Dinarte, eu sonhei com um paredão, uma porteira, um negro, um homem preto sentado na frente, acocado, com um telefone na mão. E assim foi. E eu via Caicó todinha, mais quando

eu entrava tinha um homem apontando para o céu, mais não era um homem, era essa santa que fica na rua de cima. E eu via, e era como se fosse, tinha muita casa de barro, de tapera. Aí o menino que tava na hora disse: o João Paulo II [bairro], lá na favela. Eu disse: Vamos. Se existe essa casa eu vou descobrir hoje. E tiramos para cá, pegamos o carro e... O meu carro era um noventa e oito, mais ele parecia um oitenta e seis. Para você tirar a noção, pra eu usar o som a pessoa tinha que empurrar o som com o dedo para funcionar. O tempo rodando no carro era com o dedo no som. O carro era altamente velho, todo enferrujado, só era bom de motor, mais já estava fumaçando, um carro velho. E vinha de Natal não sei quantas vezes. Peguei pelo bairro Castelo, comecei a rodear o João Paulo II, rua por rua e, nada de achar. Quando eu vim nessa rua, subindo, que chegou em frente a este portão, por Deus que tá no céu, o meu carro estanca, morre a bateria, esquenta e ela pula. Ele perde totalmente a energia do carro, morreu. Quando eu estava tentando dar a ignição, que eu olho esse paredão era pela metade, a porteira verde que até hoje existe, está aqui dentro guardadinha. A porteira verde era onde é o assentamento de Zé e tinha o amigo meu Marcos, moreno acocado na rampa com telefone na mão ligando pra uma namorada, uma mulher. Quando eu olho, eu digo: Dinarte, Faninha olha o moreno, olha o terreno, aí tinha o nome “Vende-se” em vermelho. Faninha disse: Eu conheço ele. Já namorei com ele. Chamou ele. Quando ele chegou Faninha disse: Esse aqui é um amigo meu, é pai-de-santo. Aí ele disse que o terreno era de Zé Preto do Motel. Faninha disse: Eu já vim muito aqui, aqui era o Forró do Povo.

*Aqui?*

Aqui. Eu disse: Vamos atrás desse homem. Cheguei lá, cheguei no motel. Aí o cabra disse: Quarto três. Eu disse: Não amigo, quero falar com o dono.

*Isso aonde era, Babau?*

Aqui em Caicó. Esse motel ainda existe. É um motel e um ferro velho junto, entendeu?

*Existe isso?*

Existe e eu levo você lá.

*Certo.*

Eu perguntei: Zé Preto está? Não, foi para o cabaré. Ele tinha um cabaré. Aí a gente foi lá. Quando chegou lá ele estava. Aí eu disse: Dinarte você já o conhece, converse com ele, que eu morro de vergonha de conversar, Dinarte disse: Tudo bem, Bau. Descemos do carro: Zé Preto? Zé Preto: Opa, senta aqui, querem uma cerveja? Não, não, vim conversar com você. Aquele terreno lá no João Paulo é seu? E já fazia doze anos que ele queria vender isso aqui, não conseguia. E ninguém sabia da história disso aqui, só sabia que era o forró, existia um forró e ninguém sabia da real história. Aí ele disse: É, foi de mamãe, mamãe morreu e eu quero vender, mais só acho pra alugar e pra alugar eu não alugo mais não, deixa derrubar lá, cair. Aí quando eu olho para o homem, acontece que eu... Ceguei na hora, eu ceguei. Eu cheguei e disse: Boa Tarde, eu sou Aderbal. Você que é Zé Preto, né? É. Você tá pedindo quanto no terreno? Ele disse: Doze. Assim de cara. Aí eu disse: Se eu fosse pagar? Ele disse: Doze. Eu disse: Pronto, tá vendo aquele meu carro? Ele vale dez. Mentira eu tinha comprado meu carro por três mil. Todo mundo saiu de perto de mim. Eu disse: ele vale dez mil, vamos negociar? Vim para negociar. Quando ele olhou o carro, ele olhou pra mim, disse: Você está falando sério? Eu disse: Estou. Ele rodeou o carro todinho, por Deus que tá no céu e disse: Você tem certeza? Eu digo: Ele custou dez mil, foi dez mil. E eu faço negócio, dou ele e dou mil e quinhentos. Ele disse: Não, você me dá dois. Eu disse: tá fechado, tá fechado. Ele disse: Mais você vai me dar o carro. Eu digo: Passo o documento para o seu nome Ele disse: Dinarte é sério? Dinarte respondeu: É, rapaz. Eu disse: Eu quero ver o terreno agora. Entrei, isso aqui era cheio de mato, matão alto. Eu não vi nem essa traseira, aqui. Eu só vi isso aqui e já me encantou. Eu não quis me informar do terreno, eu disse: Está tudo legalizado? Ele disse: Está. Aí eu disse: Vamos fazer negócio? Ele disse: Vamos. Eu disse: Está aqui a chave do seu carro. Ele disse: Não, não sei andar nesses carros não, por Deus que tá no céu, eu não sei andar nesses carros não. Meu carro é um fusquinha, rapaz, você tá me desmoralizando, me dando uma chave de um carro desses. Eu estranhei. Eu

disse: Ou o povo de Caicó é imbecil ou esse cara tá tirando onda comigo. Tudo bem. Cheguei e disse: Tome o dinheiro. Ele disse: Não, não, não, vamos logo resolver a questão da transferência do carro. O medo era eu deixar desmanchar a conversa do carro. No outro dia, fiz o negócio com ele, fui para o cartório e passei o terreno. E ele: Me dê a chave do carro. Eu digo: Está aqui rapaz. Ele disse: Não, passe o documento do carro. Eu assinei. Ele estava tão ansioso para eu passar que até a transferência do terreno, ele pagou tudo, ele não esperou eu pagar. Ele me deu a chave disso aqui. E eu disse: Tome a chave do carro, foi um prazer fazer negócio com o senhor. Tá aqui os dois mil. E na minha cabeça eu pensava: Terreno é muito barato em Caicó. Ele chegou e disse: Me faça um favor, vá deixar esse carro lá no meu motel, porque eu não sei dirigir nele não. E eu venho lhe deixar de fusca. Eu disse: Tudo bem. E o carro nada de pegar.

*Qual? O teu?*

O meu. Um fumaceiro miserável. Quando chegou lá, eu fui e disse, Caicó muito quente, eu cheguei e disse: você me arruma um copo d'água? Eu já tinha feito negócio, já tava tudo feito. Ele já tinha conferido o carro todinho, tudo. Ele mandou ligar o carro, acelerar o carro, ligar som, ele disse: Você me dá com som? Dou. Você ainda vai me dar com som? Eu disse: Com tudo. [...] Do jeito que está aí. Vela de macumba, cachimbo... O carro era todo bagunçado, cheio de tudo dentro. Quando chegamos eu pedi um copo de água e ele foi pegar. Quando ele voltou, ele freou os calcanhares. Ele disse: Cadê o carro? Eu disse: Oxê, está aí o carro. Ele disse: É não, é não. Eu disse: É. Aí o funcionário olhou e disse: Zé Preto vocês vieram nele. Aí ele fez: É não. Aí botou a mão na cabeça. Aí eu disse: Qual é o problema colega? Ele disse: Não, o carro era quatro portas e novinho. Eu disse: De jeito nenhum, vamos olhar o chassi. Tive que mostrar minha honestidade. Ele que cegou, foi ele. Eu não enganei ele, não menti, não menti pra ele. Ele que se mentiu, ele que enganou-se. Abri o capô, ele olhou e disse: É, realmente é. Rapaz eu vi esse carro zero, olha o cheiro de mofo, esse carro tinha cheiro de novo, não era de mofo não. Eu não vi ferrugem, esse carro era novo, quatro portas, novinho. Por isso que eu fiz negócio com você, eu ainda disse ao meu filho que tinha botado no natalense, porque tinha vendido o terreno

com um carro que estava me passando por dez mil, mais um carro valia quinze. Eu disse: Não, eu lhe passei o carro por dez mil, mais o carro foi três.

*Aí tu falasses?*

Falei, já estava feito, ele ia fazer o que? Ele olhou e disse: Não, eu não acredito não. Foi rodeando o carro todinho e disse: Esse carro é mais velho que meu fusca. Eu disse: O negócio foi feito nele. Ele disse: “Não, mais já que eu fiz, tá feito, não vou desmanchar. Você não me enrolou, eu que ceguei”. Eu pensei, a entidade, eu acho, era a única solução de eu ter, não teria outra solução de eu ter... Eu só tinha dois mil reais, como é que eu ia comprar esse terreno por dois mil? Quando cheguei aqui, o meu vizinho tinha um bar, João. Fui me apresentar ao vizinho e fui conhecer o resto do terreno. Eu entendi que o o Zé Mulambo dizia do cabaré. A última coisa que foi aqui foi um cabaré. Fui à Natal e comuniquei: Mãe Ia, comprei um terreno em Caicó, ela riu muito: “Em Caicó, Aderbal?”

*Isso foi em que ano?*

Em dois mil e nove.

*Tudo aconteceu em dois mil e nove? Esse negócio de Cosme e Damião...*

Tudo. Tudo no mesmo ano. Aí comprei este terreno e fui ajeitando, e em dois mil e dez eu fiz a pedra fundamental da casa, a mina. E trouxe minha Jurema pra cá Mais em dois mil e nove foi que a minha vida tomou totalmente uma proporção diferente do que eu tinha feito pra mim, achava que seria pra mim. Até que, eu não queria terreiro, eu não tinha responsabilidade com nada. O que eu pegava era meu. Então eu disse: Já que é para ser, vai ser do jeito que tem que ser. Já que é pra se dedicar, vou me dedicar como é pra ser. E comecei a organizar, ainda tem muita coisa pra construir. Normal, a gente bota um tijolo por dia, não é?

*Hoje você se dedica vinte quatro horas para o terreiro? Ou você tem outra ocupação, fora do terreiro?*

Vivo para isso aqui.

*Certo. Deixa eu te perguntar sobre a questão da organização do terreiro, a administração do teu terreiro. Tu tens trabalhos na segunda, terça e sábado, eu queria que ficasse gravado... Segunda é o que? Mesa?*

Segunda é a mesa de Jurema, mesa de chão.

*Na terça?*

Na terça uma Rasteira batida, um toque batido, só para os filhos, desenvolvimento.

*Para Jurema?*

Para Jurema.

*Não é aberto ao público, na terça?*

Para os amigos muito íntimos.

*Certo.*

Na terça-feira eu lido com o pessoal. Desenvolvendo o pessoal, né. Doutrinando as entidades, toda situação. No sábado aí é um toque aberto ao público, só que minha porta ela nunca é aberta. Se chegar e tocar a cigarra entra, mais eu não deixo minha porta aberta e não é nem pelo medo do meu bairro que nunca tive. Para evitar certas situações, até de pedir esmola que acontece muito, então a porta é fechada. Veda um pouco e dá espaço para eu me concentrar mais. Se chegar e tocar, entra, senta, assiste do mesmo jeito. Sábado é o toque popular. É o toque dito. E na primeira sexta-feira do mês é o Ossé do Orixá, depois que ele veio. É o Ossé do Orixá e o toque de Santo.

*Primeira sexta-feira de cada mês?*

Toda primeira sexta-feira de cada mês o toque.

*Segunda sempre, toda segunda?*

Sempre, não. Segunda a gente não abre, como na primeira segunda-feira do mês eu dou oferenda a Exu e Pomba-Gira, a todos os Exus e todas as Pombas-Giras da casa comem. Comida seca, todas as Pombas-Giras, todos os Exus. É uma forma de estar girando sempre na prosperidade.

*Comida seca é porque não te matança? É isso?*

Isso, isso... Que é farofa, bife, comida de Pomba-Gira, certo? Sem matança. Toda primeira segunda-feira de cada mês eu faço isso pra eles. E toda primeira sexta-feira eu dou, mas as segundas não mudam o ritual, dou a oferenda e venho para minha mesinha de Jurema. Terminando a oferenda venho para mesa de Jurema. Já no Orixá eu não posso fazer porque como há fruta, o Ossé fica três dias, então eu tenho que passar três dias de resguardo. Então, se eu dei na sexta eu vou tirar no domingo, então sábado fica banido pra macumba. Que se eu mexer com macumba no sábado, no domingo eu não posso estar no peji de volta. Então toda primeira semana de cada mês não tem toque no sábado, o toque é na segunda e de Santo, mas a terça e a segunda só caso de morte, graças a Deus nunca teve. Aqui funciona assim.

*Quantos filhos tu tens hoje? Na gira, no trabalho, no teu dia-a-dia, que são filhos-de-santo constantes.*

Eu acredito que eu devo ter uns dezoito a dezenove. Eu tenho bem mais, mais assim, eu sou um cara radical, sabe. E eu tenho uma grande regra comigo, se você não tá disposto a ir de acordo com minhas normas, a porta está aberta. Eu digo muito: o que você faz aqui dentro reflete lá fora, o que você é dentro do terreiro reflete lá fora. Agora o que você faz lá fora reflete aqui, então cuidado com seus passos lá fora para você não ser cobrado aqui dentro. E cuidado com os seus aqui para não ser cobrado lá fora. Eu digo muito que casa cheia é sinônimo de problema

para mim. E tem que ser na minha lei, na minha cabeça. Eles sabem que eu sou assim. Esse é um amigo [rapaz que chegou e estava sentado, presente durante a entrevista], não é filho-de-santo, é um amigo, mas como se fosse filho. Ele chegou um dia e disse: Bau, vou fazer meus assentamentos, vou cuidar, eu disse: Não, vamos deixar do jeito que está. Porque eu sei que nós vamos perder a amizade. Então é melhor perder um filho do que perder um filho e um amigo. Porque existe gente que tem disciplina para o terreiro e existe gente que não tem. E eu sei que eu ia ter que frear muito ele. Ele iria perder minha amizade.

*A pergunta é: estando no teu terreiro como filho-de-santo, ele é obrigado a fazer obrigação de Jurema e de Santo? Ou não? Se ele quiser só Jurema, ele pode? Se ele quiser só Santo, pode ou não? Tem que fazer os dois?*

Olhe, é bem complicada a história, mas eu vou lhe ser bem franco, a gente não vive só de Jurema. Se você chegasse pra mim hoje e falasse: eu quero fazer só Santo, não quero mexer com Jurema, eu digo: Tá, tudo bem. Agora se você chegar: eu quero só Jurema, não quero Santo. Eu digo: Olhe, tá errado, porque vai chegar um dia da sua Jurema... De Jurema nós invocamos Eguns, nós invocamos mortos, todos aqui dentro nasceram, viveram e morreram, então eles são limitados. Vai chegar um dia de seu Orixá cobrar. Jurema segura o corpo, segura os pés, mais quem faz os pés andar e quem segura o corpo é a cabeça que é o Orixá. É uma consequência, um leva ao outro, mas assim, não se torna obrigado, eu tenho filhos que só tem Jurema, tem até obrigação feita, já toda, todas as obrigações e ainda não tem Santo. Mais eu sei no meu íntimo que ou cedo ou tarde o Orixá vai cobrar, então qual é a minha, vou adaptando aos pouquinhos. Apenas vou lhe explicar, você pode até levar só Jurema, eu levei Jurema por muito tempo, mas chegou um dia na minha vida que ou eu ajeitava meu Santo ou eu cufava [morria]. Vai chegar um dia que seu Orixá vai cobrar, porque quando você só bate couro para Egum, Egum é quem cuida da nossa vida mundana. Você pode cuidar da Jurema, mas consciente que vai chegar um dia que seu Santo vai cobrar, ou você faz ou você faz.

*Mas tem terreiros por exemplo que é Jurema e Umbanda.*

Tem.

*E... Na tua concepção como isso se aplica?*

Acontece.

*As obrigações que no seu caso são para os Orixás já que se trata de Candomblé poderiam ser feitas pela ou na Umbanda? Por exemplo? Jurema e Umbanda? Ou você acha que não? Você acha que o Candomblé nação é a que vai completar esse ciclo, ou não?*

Não, não. Eu seria ignorante se eu dissesse isso. Eu acho que cada um no seu quadrado. Existem pessoas que são de Candomblé, existem pessoas que são de Umbanda. Se você tem Orixás de Umbanda, você não deve fazer Candomblé. Existe Orixá de Umbanda, existe Orixá em candomblé, só que em Candomblé é mais difícil. Porque existe Orixás específicos de Keto, específicos de Jeje, específicos de Angola e específicos de Nagô. Eu sou de Oxalá Guiã, eu tive a sorte de meu guia pisar na folha de Keto, na folha de Jeje, de Angola e de Nagô, como Ufã, como Ogunté, como Oxumarê. Mas tem Orixás como Xangô, Obatunde, que são Nagô puro. Se você fizer em Keto você cai. Então eu não posso chegar para você e dizer assim: A folha que eu bato é a folha tal. Por isso que eu volto atrás e repito pra você: É o seu Santo que lhe escolhe, que escolhe a casa. Se você é de Beira Mar, de Ogun-Maré, de Ogun-Megê, você vai fazer o que em Keto? Porque eu quero os paramentos de Ogum, se Ogum é Umbanda então a sua felicidade, a sua força, seu axé está em Umbanda, entendeu? Se você fosse um dia fazer Santo, mexer com Santo, você teria que ter um Peji à parte. Todos os seus fundamentos são diferentes dos meus. Eu terei que preparar a casa para Jurema, como já é, pra Nagô, como já é e para Umbanda e assim sucessivamente.

*Mas tem casa... Bau... Que você conheça, aqui no Seridó ou em qualquer outro canto que é só Jurema? Ou não tem?*

No Seridó?

É.

Tem.

*Não só no Seridó?*

Não, não. Tem casa só de Jurema, só de catimbó. Principalmente para as banda de Recife, pra aquele povo de lá, Mossoró, Areia Branca, tem só Jurema.

*Pode diferenciar de terreiro para terreiro?*

Sempre diferencia, até pelo guia, pelo caboclo. Nós somos Umbanda, eu sou de um caboclo, você de Cobra Coral, muda. O guia quando incorpora, que vem fazer sua sessão, ele faz de acordo com a doutrina dele, mas dentro da base do segmento que está afirmado, no caso umbanda, entendeu? Eu venho de uma Jurema que, como eu estava dizendo, o ritual de mesa de Jurema é um aparte, porque no toque eu canto pra Exu, dou defumador, eu canto pra Ogum, canto pra Caboclo, abro para os metres. E Jurema que é Jurema não existe Exu, não existe Pomba-Gira, não existe Preto-Velho, são mestres e mestras, e os encantados da Jurema. Só que não existe casa com isso.

*Só com mestres, você diz?*

Por quê? Porque as ramificações das tribos, a união das tribos fez com que se adotasse. Há dentro da Jurema catimbozeiros rezadores, então esses catimbozeiros rezadores vamos unir junto com os Pretos, aí se adotou os Pretos que é de Umbanda, bandeira de Umbanda é Preto-velho. Vamos adotar o povo da rua, não existe sacrifício sem Exu, não existe casa sem Exu, sem porteira. E entrou Exu, entrou Pomba-Gira e o que eu acredito que determina o que é casa de Jurema, o que é casa de Umbanda, o que é casa de Jurembanda, de qualquer coisa não é o tamanho do seu bastidor ou do seu pedestal, não é a cor da sua vela e nem é a suas roupas e suas guias. É o seu ritual, o seu fundamento, ali é onde diferencia. Eu conheci Umbanda que se canta pra Ogum, pra Obaluaê, para Oxóssi. Aí Ogum vem nas irradiações de Ogum, vem Oxóssi nas irradiações de Oxóssi, entram os Caboclos. Xangô, as irradiações dos Caboclos de Xangô.

Vamos para o povo d'água: Nanã, Oxum, Iemanjá, Iansã. Eu conheci Umbanda usando Iansã róseo, entendeu? Eu conheci Xangô, você fazendo num pé de uma pedreira, você dando cerveja preta, charuto e arriando o amalá para Xangô nos pés de uma pedreira. Ah, mais Xangô bebe? Não, mais não é Xangô, é o caboclo de Xangô, ai vem toda uma sequência, que as pessoas confundiram.

### *Isso é Umbanda?*

É Umbanda. Iemanjá toma champanhe. Vamo devagar, na Umbanda existe as irradiações de Iemanjá que carrega vários espíritos trazidos por Iemanjá, que ali se faz os trabalhos. Eu conheci esta Umbanda. Depois me deparei com uma cidade em que a Umbanda era uma imagem. Não. A força tá no assentamento, entendeu? Tá no assentamento, independentemente de ser Umbanda, de ser Candomblé, de ser Jurema. Cadê a firmação desta casa? As proteções de lança desta casa? Então a Umbanda não vive só de Pai-Nosso. Ah, mais eu sou Jurema e eu não vou rezar Pai-Nosso, porque Pai-Nosso é católico. Claro que reza. Na Jurema você chama nome de Jesus no começo, no meio, no fim. Eu proíbo você chamar o nome de Satanás, mais você chamar o nome de Deus? Ah, no Candomblé não chama o nome de Cristo, porque não chama? Porque não chama? Quem sou eu para mudar uma tradição de quatrocentos anos antes de Cristo? Um simbolismo? Depois de Cristo quando os africanos vieram para o Brasil, sincretizaram Oxalá com Nosso Senhor do Bonfim, com Jesus Cristo. Eles foram testados em sua fé, na senzala, no chicote. Eu não fui testado, se eles lá sincretizaram Ogum com São Jorge, quem sou eu para proibir você de adorar seu São Jorge, amigo? Agora eu ensino a diferença, olhe é só uma sincretização, mais Ogum é Ogum, São Jorge é São Jorge, é só. São Sebastião é São Sebastião, Oxóssi é Oxóssi... Mas, existe o sincretismo, e na minha casa é vivo, porque não me cabe mudar. Eu não estou aqui pra mudar fundamentos. Você faz o que seu pai lhe ensina, seu pai lhe ensina o que aprendeu com o pai dele. Então nós só repetimos o que aprendemos. Nós não estamos aqui para mudar o fundamento de ninguém. Eles foram obrigados a sincretizar, a botar os Orixás em baixo, a fazer a famosa mina, cobrir e botar os santos católicos. Fizeram a capoeira porque tinha atabaque, mas ali era uma gira de Santo. Numa dança como se diz hoje, mas não

era dança, era o culto africano. Os senhores achavam que era uma dança, e eles estavam ali só fazendo o sincretismo para sobreviver. Foi uma forma que eles acharam de não ser tão açoitados. Então porque hoje eu vou ter vergonha do que eu tenho, do que eu sou? Não, você tem que brigar com a sociedade, mostrar à sociedade a verdade, tirar a discriminação. Mas, como é que eu vou tirar a sua discriminação, fazer com que você não me discrimine, se eu me discrimino? Se eu tenho vergonha do que eu sou. O primeiro passo é eu parar de me discriminar, parar de me esconder. Meus antigos iam fazer macumba escondido com medo da polícia. Abria terreiro com alvará de bar, hoje não, eu abro meu terreiro com alvará de um templo religioso. É um templo religioso, é comparado com a igreja católica. E o padre tem que me engolir, tem que me engolir como eu tenho que engolir ele. Se eu não respeito você com sua religião, com seu segmento como é que eu vou exigir que me respeite? Como? Entendeu? E eu sempre botei na cabeça, sempre aprendi o seguinte: vá onde tem a palavra de Deus. Se o padre levantar a hóstia: esse aqui é o corpo de Cristo, respeite. Quando se nasce numa cultura, nasceu e se criou-se dentro de um terreiro, mais o nosso país vem de uma cultura que aquilo dali é o corpo de Cristo, e você deve comungar, você deve... É uma cultura então deve se respeitar. Eu não posso olhar para você e forçar você a ser Umbanda, ser de Nagô, ser Keto, ser Jeje, ser Angola, não. Você é o que você é. Eu sou o que eu sou. Não existe essa história de eu lhe forçar a nada, de obrigar a nada. As pessoas desgastam muito o discurso de humanização, de tirar a discriminação, mas não acaba nunca, sabe por que? Porque eu quero humanizar você, discriminar você, tirar sua discriminação dentro do que eu acho verdade. Para mim, uma pessoa só pára de discriminar se você aceitar minha casa, mas recusa o vizinho. Então, você continua discriminando a religião da mesma forma.

Entrevista recebida em 30 de agosto de 2014. Aprovada em 15 de setembro de 2014.

*Transcrição: Natiele Fernanda de Souza Barbosa* (bolsista de iniciação científica do Projeto de Pesquisa Saravá-Axé, coordenado pelo Prof. Lourival Andrade Júnior).